BOLETIM
DIDÁCTICO E INFORMATIVO
III VOLUME
PROPRIEDADE E DISTRIBUIÇÃO
TUPOMI
TEMPLO DE UMBANDA
PAI OXALÁ E MAMÃE IANSÃ

Para mim é uma bênção poder servir como médium na Umbanda.

Servir sim, somos todos médiuns, entre o plano espiritual e o terreno.

A Umbanda ensina a sermos mais tolerantes, nos ensina a humildade e o respeito a todas as pessoas, sejam elas de outras crenças.

Os Médiuns precisam entender que servem a Umbanda para um bem maior, servem para ajudar a si mesmos para evoluir e poder também servir o seu semelhante.

Que cada médium siga com amor e fé a sua missão.

Axé

Pai Artur de Xangô

FESTA DAS IABAS

31 DEZEMBRO

OKÊ ARÔ

ASSAÔ

LOSI LOSI LOGUNEDÉ

Artigos Didáticos e de Opinião.

Partilhando Aprendemos e Ensinamos!

Evolução Mediúnica

Templo de Umbanda Pai Oxalá e Mamãe Iansã
Rua João Maia, 394, 4475-643 Santa Maria de Avioso – Maia
Contactos: 916 813 819
E-mail: geral@tupomi.pt

UM OLHAR SOBRE A FESTA DAS YABÁS

Tupomi, são 15h do dia 13 de Dezembro de 2015.

Estes são o local, o dia e a hora onde se ira realizar uma festa a muito esperada.

O Tupomi está vibrante de Luz e Alegria, a casa está decorada a rigor, os "filhos e filhas" da casa vestidos ao pormenor, com as suas lindas roupas de festa, tanta cor que dá uma beleza diferente ao terreiro.

Tudo está radioso, a alegria se vê nos rostos de toda a corrente. Vai começar uma das festas ansiadas por todos nós, a festa das Yabas, a festa das Rainhas. Tudo pronto vai começar……

A festa começa, mas para que ela aconteça muitos são os preparativos, que começaram na sexta-feira. Um grupo de pessoas da casa começam a trabalhar, a casa foi aberta a toda a corrente para ajudar, pois é também uma das muitas formas de participar na festa, é a entrega para o bem-estar de todos. É preciso limpar, decorar a casa, e os lugares sagrados da casa, desde a "casinha de esquerda" até aos assentamentos, tudo tem de estar asseado.

A responsabilidade de fazer as comidas de santo ficou para as filhas com feitura e buriladas, afinal são elas que vão trazer as nossas queridas Yabas, então nada melhor que cozinharem para todos os orixás, como agradecimento por tudo o que foi dado durante este ano a toda a corrente, tudo isto com a supervisão da Yalorixá da casa, Mãe Elsa.

E lá vamos nós vestir a saia de nação, as blusas brancas, lavar o ori, colocar o pano de cabeça, acender as velas, e alegremente preparar as comidas.

Muito tem de ser feito, mas tudo vai sendo preparado com calma e alegria.

Sábado continuam os trabalhos e a preparação para a gira desse dia, os nossos queridos caboclos.

Acaba a gira, só há tempo de fumar um cigarro, muito ainda temos de fazer.

Comidas prontas e agora…….. estamos cansadas, mas felizes, a vontade de ir descansar desaparecer, estamos felizes, o sono desaparece tal é a alegria de ver tudo pronto e feito com tanto amor, carinho e dedicação, a entrega foi total por parte de todos.

Mas temos de ir nos deitar, pois o dia seguinte vai ser longo.

Domingo de manhã, pequeno-almoço, lá está a alegria e a felicidade. Vamos aos últimos preparativos, e preparar as entregas para que na hora marcada tudo comece sem sobressaltos.

Já são 15h, os atabaques começam a tocar, vai começar o ritual, lá vamos todos felizes entrando no terreiro, fazem-se as oferendas no roncó, as meninas que vão receber as Yabas, se preparam para ir vestir a roupa e paramentação do seu orixá. As meninas que vão ajudar a vestir, têm um brio muito grande em as arranjar, fazem laços , colocam as coroas e capacetes, as espadas, os euxirins, os espelhos, as ajeitam para ficarem maravilhosas.

E é vê-las a chegar as Yansãs, a Obá, as Oxuns, Yemanja, dançarem ao ritmo imposto pelos atabaques, e dançam, dançam, dançam……..

Mas chega a hora de recolher as Yabás, pois vai chegar a Dona do Ilê, a Yansã, da Dona da Casa, Mãe Elsa de Oyá.

Eis que chega, esplendorosa, mostrando sua força, dançando levantando ventos, e eis que de repente, como respondendo a chamada surge a chuva, a dona da vida, chegou para lavar tudo o que tem de ser lavado e levando para longe as coisas menos boas.

Quando tomamos consciência, tudo acabou.

Chegou a hora de ir para nossas casas, vamos cansadas, mas ao mesmo tempo com uma leveza muito grande, não se consegue explicar essa alegria que vai em nossos corações, pois é um sentimento único e de cada um.

Mas uma coisa é certa, quando tudo é feito com amor, humildade dedicação tudo dá certo, os laços entre todos nós saem mais fortalecidos, todos somos importantes, somos irmãos e irmãs numa mesma família.

Maria João Santos

Salve as Yabás

Eparrei Yansã

Obá xirê Obá

Are eu eu Oxum

Odoya Yemanjá

Saluba Nanã

Rirô Éwa

Salve todas as Yabás

IEMANJA

Princesa D'Aiucá, Dandalunda, Dona Janaína, Maria, Inaê, Mãe D'agua, Sereia

Na Criação do mundo, Odudua tirou uma das cabacinhas, que lhe tinham sido entregues por Olodumaré, de dentro do saco da existência, a azul. Soprou o pó que estava no seu interior, para a parte de baixo do abismo e imediatamente esse pó, transformou-se no grande caramujo (igbim) que seu pai lhe devolvera e que fora escolhido entre 200 outros, que Odudua lhe havia oferecido antes. O caramujo pairou no ar e logo começou a jorrar água, como se fosse uma cachoeira e logo desapareceu em direcção ao abismo, onde a água que dele jorrava se acumulava e aumentava a cada momento, formando um oceano onde momentos antes não havia nada. As águas agitadas pelo vento formavam ondas imensas contra os rochedos. Os Orixás, permaneciam mudos e extasiados pela visão das águas revoltas. Odudua, chamou Iemanjá, e ordenou que com os poderes que lhe foram conferidos, dominasse e controlasse as águas em fúria*(in A Cabaça da Existência)*. Iemanjá, é até hoje, a Raínha do Mar.

De acordo com os estudos de Pierre Verger, Iemanjá, é Deusa dos Egbá, uma nação Iorubá que se situou entre Ifé e Ibadan, onde ainda existe o rio Yemoja. Iemanjá, seria filha de Ólóòkun, Deus do mar, no Benim e Deusa do mar em Ifé (*in Orixás-Pierre Verger*). Iemanjá é considerada em muitas lendas, como mulher de Obatalá e mãe de todas as cabeças (os homens). O próprio nome, Ye + omo + eja = Mãe dos peixes-filhos, dos peixes contidos nas suas entranhas, a água é o paralelismo com a água da gestação. Tal como Ódudwa, Iemanjá está mais ligada ao poder genitor do que á gestação. Mas como Náná, está associada á interioridade, aos filhos contidos em si mesma, por isso é representada pelo branco incolor e cristal, azul-celeste e verde-água (in os Nagô e a morte).

De acordo com uma lenda, quando Iemanjá veio do Orún para o aiyé, descobriu que cada Orixá já tinha o seu domínio na terra dos homens e portanto nada sobrava para ela. Falou com Olodumaré sobre a sua posição, não tinha domínio sobre nada na terra. Olodumaré disse-lhe, que ela já teria muito trabalho em tratar da casa de seu marido, da sua comida, das suas roupas e dos seus filhos. Iemanjá revoltou-se, afinal não tinha vindo do Orún para o aiyé, para ser dona de casa. Assim, tanto falou, tanto reclamou, que Obatalá foi ouvindo e ficando cada dia mais perturbado, até quase enlouqueceu. Iemanjá, ao ver o estado do seu marido, pensou no que Olodumaré lhe diria quando tomasse conhecimento do sucedido, quando voltasse ao Orún. Então, tratou de procurar os melhores frutos, o óleo mais claro e encorpado, o peixe mais fresco, o iyan (inhame) mais bem pilado, um arroz muito branco, os maiores pombos brancos, o obi (noz-de-cola) mais tenro, o melhor atare, (pimenta de áfrica), ori (manteiga) muito bom, os igbin (caracol) mais claros, orógbó macio, água muito fria e com tudo isto, tratou a cabeça de Obàtálá. Ele foi melhorando com os ebós, até que um dia ficou completamente curado. Um outro dia, Olodumare veio do Orun para visitar Obàtálá. Disse à Iemanjá, que tinha visto tudo o que acontecera e deu-lhe os parabéns por ter curado tão bem a cabeça de seu marido. Decidiu então, que dali para frente, Iemanjá iria ajudar os homens que fizessem más escolhas de Ori (destino, força vital), a melhorar as suas cabeças, com uma oferenda que seria determinada pelo oráculo de Ifá, através de Orunmilá (deus do destino dos homens).Existem várias versões, várias lendas, sobre a razão pela qual, Iemanjá é mãe de todas as cabeças e embora os acontecimentos sejam diferentes em cada uma delas, todas têm a mesma conclusão... Começa logo, por ser mãe de vários orixás...

Detalhe da escultura *Iemanjá* de Carybé onde é possível notar orixás representados dentro do seu ventre, como Xangô com seu oxê e Ogum com sua espada -

Museu Afro-Brasileiro, Salvador, Bahia

A continuar...

Luísa Carvalho

AS LINHAS DE UMBANDA – DO ESOTERISMO AO OMOLOKÔ PARTE II

A Cultura Ameríndia

No encontro destas duas culturas, o catolicismo e a cultura ameríndia, tão diferentes uma da outra, os indígenas não abandonaram totalmente as crenças tradicionais. Assim, ao mesmo tempo que os índios associaram as divindades nativas aos santos e ao Deus dos católicos, estes associaram os "demónios" aos espíritos indígenas.

É muito difícil reconstituir a cultura ameríndia. Pelo pouco que se sabe, e em comparação com as práticas dos grupos sobreviventes, pode-se ter uma pequena ideia das suas práticas.

O ponto central era o culto à natureza deificada, valendo-se também de procedimentos mágicos para influir na vida das pessoas e no mundo físico, sobretudo através das "almas" de plantas e animais. O pajé ou xamã era quem tinha acesso ao mundo dos mortos e dos espíritos da floresta, e geralmente a ele competia realizar rituais de cura, expulsar maus espíritos e desfazer feitiços. A ingestão de alimentos e bebidas fermentadas em muitos grupos tinha uma função ritual. Mesmo a semelhança (a antropofagia acreditavam que, comendo a carne do seu inimigo, apoderavam-se da valentia e coragem que lhe caracterizava) que existia entre os tupinambás, se revestia de um tom sagrado. O uso de instrumentos mágicos, chocalhos e adornos feitos com penas de aves, era indispensável para o cerimonial do pajé. A fumaça derivada da queima do fumo também assumia um papel ritualístico importante (Pajelança).

Esta tradição é invocada pelos umbandistas como o elo de ligação direta com os povos do Brasil nativo e da sua espiritualidade, cuja importância pode ser percebida na religião pela presença da manifestação dos caboclos.

Assim, para catequizar os indígenas, os missionários combatiam os hábitos e crenças que achavam mais hediondos e pecaminosos, mas para que a assimilação da espiritualidade cristã fosse melhor os jesuítas deixavam que eles adaptassem ao catolicismo práticas que não ofendessem os princípios da doutrina católica.

No que diz respeito às relações entre índios e negros no Brasil colónia, observa-se que foram tanto de aproximação quanto de hostilidade. Mas a tentativa de jogar índios contra negros revela-se produtiva, a ideologia de oposição racial se prolongou até a atualidade.

Pode-se dizer que foi a "macumba" e depois a Umbanda que promoveu a união entre índios e negros, co a valorização de "caboclos" e "pretos-velhos".

José Luiz Ligiéro afirma que o índio-caboclo cultuado na Umbanda é o índio semi-aculturado pela convivência prolongada com a "civilização". Fala um português coloquial, pronunciado com sotaque próprio e mesclado com palavras e expressões emprestadas tanto do idioma nativo quanto do idioma africano. O caboclo que vem de Aruanda, e não do Morená (universo indígena no qual espíritos de humanos, animais e divindades coexistem em harmonia dinâmica), é o sobrevivente do massacre promovido pela cultura do homem branco.

A Cultura Católica Portuguesa

Um ambiente profundamente religioso marcou a história da colonização brasileira. Essas marcas começam com a chegada de Cabral: no primeiro nome com que foi baptizado a nova possessão lusitana (Terra de Santa Cruz), no acto de mandar celebrar a primeira missa de acção de graças, nos nomes das primeiras vilas e sesmarias aqui fundadas (São Vicente e Santos) e até mesmo na forma tradicional de ocupação do espaço nas cidades brasileiras, que geralmente cresceram tendo como centro a praça onde destaca a igreja.

No período colonial, o catolicismo, além de religião oficial, foi uma religião obrigatória. A igreja usou no Brasil a mesma estratégia adoptada na América espanhola, apoiando a escravidão negra como pretexto para a protecção dos índios que, "livres" da exploração escravista mais directa, eram utilizados como servos nas missões jesuítas. No entanto, aos poucos, também os negros viriam a ser incorporados no espectro católico, como seres possuidores de alma. Em outras palavras, passíveis à conversão ao cristianismo. Primeiro, o catolicismo fora imposto aos escravos como religião oficial; depois para atrair a crescente clientela de negros livres, a Igreja criaria a irmandade dos pretos, canonizaria santos negros e incorporaria manifestações culturais de origem africana em rituais católicos.

Se por um lado, a relação estrutural entre a prática de solicitar a intercessão dos santos junto a Deus a favor dos seus fiéis e a cosmologia africana dos Orixás considerados como intercessores junto de Olorum, aproximava o catolicismo das seitas dos escravos.

Com o poder de estabelecer a fronteira entre o certo e o errado, bem e mal, sagrado e profano, o catolicismo tornou-se um verdadeiro divisor de águas na mentalidade dos brasileiros. Se esse enorme poder da Igreja, por um lado, contribuiu para a conservação de diversas tradições africanas, que puderam se desenvolver num contexto social razoavelmente pacífico, como os primeiros candomblés, cujo surgimento teria sido facilitado pelas irmandades dos pretos. Por outro lado, a conquista e manutenção dessa estabilidade dependia de que cada grupo aceitasse como "natural" e "justa" a posição que ocupavam na engrenagem social.

A continuar...

Trabalho realizado no âmbito da

Escola de Curimba Caboclo Tupinambá

FESTA DE OXOSSI

No Passado dia 24 de Janeiro de 2016...a nossa casa celebrou uma das festas mais importantes do ano, uma festa com uma vibração incrível,

uma festa ansiosamente aguardada por toda a corrente...a festa do rei das matas e senhor da fartura...Oxóssi.

Como em todas as festas, a azáfama era gigantesca, a ânsia de voltar a viver aquele momento mágico que é a chegada do Orixá era enorme... Confesso que estava um pouco nervoso...Mas ao mesmo tempo calmo pois sabia que haveria de correr tudo pelo melhor e tinha a certeza que iria estar a 110% dentro daquele terreiro.

Com o começo da festa, o nervosismo transformou-se completamente...Notava-se a concentração das pessoas e a serenidade dominava aquele "chão"... E foi então que rapidamente a serenidade foi substituída por magia... Pura magia...Os olhos de toda a gente brilhavam com a saída do Orixá...a vibração sentia-se no ar...a sua presença...cada passo...cada movimento eram simplesmente mágicos. Toda a gente cantava com paixão...toda a gente estava focada no mesmo propósito...tornar aquele momento único para toda a corrente.

Com isto tudo a acontecer...o tempo voava e foi então que chegou a altura de cumprimentar o Orixá...Um momento único que varia de pessoa para pessoa...pois cada um sente de maneira diferente. Falando de mim... Simplesmente não existem palavras suficientes para descrever o quão, aquele abraço é forte...senti-me senhor do mundo...senti uma força como nunca antes tinha sentido...senti que naquele momento conseguia fazer tudo o que queria e que ninguém me poderia impedir...e não me canso de utilizar o termo "magia" neste assunto ...pois foi exactamente isso que se passou...Para mim...uma das festas mais bonitas do ano...uma festa cuja força é indiscritível...uma festa que nos dá a força necessária para enfrentar as dificuldades que o ano nos reserva.

Com isto dito, resta apenas dar os parabéns á nossa corrente por ter protagonizado um momento realmente especial...e esperar ansiosamente pela próxima esta que com certeza irá trazer á nossa casa mais luz do que ela já tem... E claro, que Oxóssi esteja sempre presente nas nossas vidas, que os dê a força necessária para cumprir-mos a nossa missão.

Okê Arô!!!

Diogo Santos

PEDIR BÊNÇÃO

"Tomar a Bênção" ou "Dar a Bênção" é coisa séria e tem fundamento, portanto é preciso ter Atitude, Respeito e Conhecimento.

Se ainda não o sabe fazer, pergunte. Quando se pede a bênção a alguém, é necessário entender que este ato está repartido em vários momentos, que devem ser valorizados como tal.

Quando se pega na mão de nossa Mãe e se beija, não estamos a beijar nossa Mãe, mas sim a pedir a bênção aos seus Orixás, quando levamos a sua mão a cabeça estamos a afirmar que aquela mão tem poder, autorização e conhecimento reconhecido para mexer em nossa Coroa ou Ori e quando é retribuído com essa autorização, nesse momento, está a ser também pedido que seus Orixás nos abençoem em nossas caminhadas. O ato é de tanta humildade e grandeza que independentemente da hierarquia, na verdade em nossa casa, existe a "troca" de bênção, ou seja, o Ori, a Coroa de todos é motivo de respeito.

"cabeça não é penico"

Trocar bênção é sinal de respeito e humildade.
Por isso entre irmão peça a bênção, Mutumbá » Mutumbá Axé

Angola:
Mucuiu = Mucuiu no Zambe

Nagô:
Kolofé Babá = Kolofé Olorum

Gegê:
Kolofé Tatá = Kolofé Olorum

Congo:
Kufunfun=Kufunfun Zambi Aponjo

Queto:
Mutumbá = Mutumbá Olorum

BATO CABEÇA

"Eu elevo o meu ori ao Orixá"

Trata-se de um sinal de respeito e de entrega aos Orixás e Líderes espirituais.
O significado de Bater Cabeça também pode ser entendido como representação de humildade, bem como uma forma de agradecimento.

MINHAS GUIAS

Não usamos guias por vaidade, ou porque ficam bem, usamos guias porque elas são nossas proteções, são nossas e intransmissíveis e quando as entregamos, é um sinal de respeito para quem estamos a confiar nossas armas, nossos escudos, é isso que nossas guias são. Existem muitas guias com significados vários.

O propósito aqui é falar daquelas que começamos a usar, logo que entramos no nosso terreiro. As nossas primeiras guias, a de Oxalá, o Orixá Pai de todos e no nosso caso, o da nossa casa, a guia do caboclo 7 serpentes, entidade de nossa Bábá. Estes são os nossos primeiros escudos de trabalho.

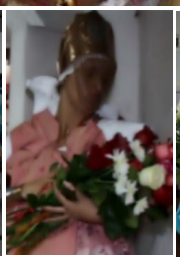
As restantes viram com o tempo.

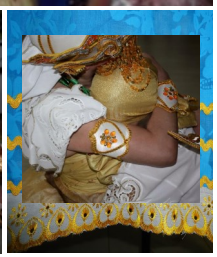
Em momento algum desvaloriza-se o facto de se usar guias de Orixás ou de Entidades. Se entende que quer fazer, pergunte a Bábá.

Estes são os nossos primeiros escudos de trabalho. As restantes viram com o tempo. Em momento algum se desvaloriza o facto de usar guias de Orixás ou de Entidades. Se entende que quer fazer, pergunte à Bábá. Mas o tempo mostrará o que terá de fazer.

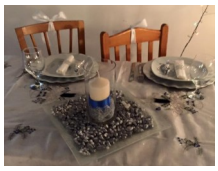
Alexandre Gonçalves

Festa Iabas 2015





Passagem de Ano 2015/16



31 Dezembro

Festa Oxóssi 2016

"No Candomblé somos nós que nos superamos, não temos que superar o outro"

Mãe Stella d'Oxossi

Ya Stella d'Oxossi, uma mulher tão farta de sabedoria, uma guerreira e lutadora, protetora do Candomblé e do seu Orixá. Sem dúvida, que nós no trabalho que realizamos devemos estar preocupados com o nosso trabalho e nos valorizarmos cada vez mais para melhor o fazermos e ter a consciência que o Axé e o trabalho de santo não faz parte da economia de mercado, não é concorrência. Devemos nos valorizar sim, estudar, ir atrás das coisas, saber, mas com a intenção de ajudar e praticar a religião cada vez melhor e nunca com o fundamento de faze-lo para ser melhor do que os outros. No nosso fundamento ninguém é melhor do que ninguém, cada um deve fazer o seu trabalho no seu fundamento, na sua cultura e educação religiosa, não somos concorrentes, somos sacerdotes de uma verdadeira religião. A superação é uma questão de valorização pessoal e o querer aprender e saber cada vez mais, não deve ser vista como uma arma de mercado, e não desrespeitando o Axé e o trabalho de outros sacerdotes que nos vamos valorizar, isso é falta de espiritualidade, carácter, princípios, valores e humildade. Eu peço para que todos sejam felizes no seu trabalho e que o façam e se sintam bem com aquilo que fazem, e o mais importante, que os seus trabalhos os façam felizes e realizados. Essa superação só acontece se os nossos Orixás e entidades acharem que estamos prontos para essa revelação, assim essa busca deve ser feita de uma forma ética e dentro dos princípios e fundamentos da Umbanda e Candomblé, não somos estrelas, somos apenas enviados dos Orixás com a missão de manter os seus cultos e não deixar que eles sejam esquecidos.